

4.1**A perspectiva histórica de Gramsci**

Para Gramsci não existe uma realidade em si mesma, nem para si mesma, mas apenas “em relação histórica com os homens que a modificam”. Isso significa que a filosofia deve ser assumida como concepção de mundo, isto é, a filosofia deve superar tanto as formas mecanicistas de pensar - que acreditam que existe uma realidade objetiva e exterior ao homem -, como a concepção “idealista subjetivista”, compreendendo, então, que aquilo que aparece como fenômeno de especulação filosófica deve ser explicado como um ato prático, como a “subjetividade histórica de um grupo social”, “a forma de um concreto conteúdo social e o modo de conduzir o conjunto da sociedade a forjar para si uma unidade moral”. (Gramsci, 1999, p. 297)

Nesse sentido, mesmo a ciência, que para Gramsci seria um conhecimento cuja objetividade poderia ser verificada independentemente de qualquer ponto de vista particular, mesmo ela não deixaria de ser, no fundo, uma concepção de mundo, uma ideologia; embora, na medida em que existe como conhecimento que esta sempre se revendo, se renovando, a ciência pode chegar a ser “a subjetividade mais objetivada e universalizada concretamente”, justamente porque ela não exclui a “cognoscibilidade”.

De acordo com a perspectiva do filósofo italiano, portanto, a ideologia “pode chegar a se identificar com todo o conjunto das supra-estruturas” (Konder), daí a necessidade de se fazer uma distinção entre ideologias que são necessárias a uma determinada estrutura, quer dizer, ideologias historicamente orgânicas, e ideologias arbitrárias, racionalizadas.

Disso decorre a importância da formação do “bloco histórico”, que se constituiria na medida em que a relação entre os intelectuais e as massas se desse por meio de uma adesão orgânica, na qual as relações de natureza puramente burocrática e formal dessem lugar a relações em que o “saber” se tornasse

compreensão, pois só através dessa troca poder-se-ia alcançar uma certa unidade ideológica, resultada da progressiva elevação dos interesses econômico-corporativos ao nível do interesse ético-político.

4.2 Teorias pseudo-historicistas

Para Gramsci não existe uma realidade em si mesma, nem para si mesma, mas apenas “em relação histórica com os homens que a modificam”. Isso significa que a filosofia deve ser assumida como concepção de mundo, isto é, a filosofia deve superar tanto as formas mecanicistas de pensar - que acreditam que existe uma realidade objetiva e exterior ao homem -, como a concepção “idealista subjetivista”, compreendendo, então, que aquilo que aparece como fenômeno de especulação filosófica deve ser explicado como um ato prático, como a “subjetividade histórica de um grupo social”, “a forma de um concreto conteúdo social e o modo de conduzir o conjunto da sociedade a forjar para si uma unidade moral”. (Gramsci, 1999, p. 297)

Nesse sentido, mesmo a ciência, que para Gramsci seria um conhecimento cuja objetividade poderia ser verificada independentemente de qualquer ponto de vista particular, mesmo ela não deixaria de ser, no fundo, uma concepção de mundo, uma ideologia; embora, na medida em que existe como conhecimento que esta sempre se revendo, se renovando, a ciência pode chegar a ser “a subjetividade mais objetivada e universalizada concretamente”, justamente porque ela não exclui a “cognoscibilidade”.

De acordo com a perspectiva do filósofo italiano, portanto, a ideologia “pode chegar a se identificar com todo o conjunto das supra-estruturas” (Konder), daí a necessidade de se fazer uma distinção entre ideologias que são necessárias a uma determinada estrutura, quer dizer, ideologias historicamente orgânicas, e ideologias arbitrárias, racionalizadas.

Disso decorre a importância da formação do “bloco histórico”, que se constituiria na medida em que a relação entre os intelectuais e as massas se desse

por meio de uma adesão orgânica, na qual as relações de natureza puramente burocrática e formal dessem lugar a relações em que o “saber” se tornasse compreensão, pois só através dessa troca poder-se-ia alcançar uma certa unidade ideológica, resultada da progressiva elevação dos interesses econômico-corporativos ao nível do interesse ético-político.